

## **"Macumba sarava, solto um peido e sai fubá: rituais de passagem, Kuarup e o Huka Huka no 6º Ano."**

Ronaldo dos Reis  
Escola de Aplicação FEUSP

### **Resumo**

O projeto realizado com a turma do 6º Ano se deu em certa medida em continuidade do que tentamos em 2017, primeiro ano que trabalhei com a turma e com muita dificuldade avancei em alguns pontos. Posso destacar que em poucos momentos no ano anterior conseguimos avançar nas atividades, em dois projetos no 5º Ano (hand spinner e corridas do atletismo) tivemos sucesso em ter o envolvimento da turma. Já em 2018, viver com a turma essa transição de ter 09 professores diferentes, acredito, ter possibilitado um envolvimento maior de confiança que fez com que o trabalho com lutas, não realizado ainda com a turma, identificado no mapeamento e em nossas conversas sobre o que ainda não teria sido contemplado nos estudos da turma. Durante as nossas atividades vivenciamos a luta huka huka, conhecemos um pouco da cultura kamayurá, principalmente o kuarup de onde a luta tem um protagonismo. Após o vídeo e o diálogo sobre o que assistimos, o que nos possibilitou uma atividade onde os estudantes deveriam trazer rituais que identificamos semelhanças com o kuarup onde desenvolvemos uma proposta de criar outros rituais para chegarmos na luta huka huka, onde ao final das apresentações um dos estudantes falou: “macumba saravá, solta um peido e sai fubá”, o que nos levou a outros debates que configuraram diferentes interpretações dos estudantes em relação aos rituais que foram apresentados e dialogados com os pesquisados.

### **Desenvolvimento das atividades**

O projeto realizado com a turma do 6º Ano se deu em certa medida em continuidade do que tentei colocar em ação no ano de 2017, primeiro ano que trabalhei com a turma e com muita dificuldade avançamos em alguns pontos. Posso destacar que em poucos momentos no ano anterior conseguimos desenvolver atividades com o 5º Ano (hand spinner e corridas do atletismo), devido apresentarem características de não estabelecer diálogos entre os grupos de estudantes, era nítido na turma que parte deles não tinha suas propostas e falas ouvidas pelos demais colegas. O que ao ser problematizado, em alguns momentos fazia com que alguns estudantes negassem as aulas de educação física, dizendo que o fato de não jogarmos futebol, basquete, ou

queimada como os demais professores sugeriam, o que fazíamos no momento não era aula. O fato do currículo cultural, tomar parte assumindo a posição a favor dos mais fracos, que historicamente não tiveram suas produções culturais tradicionalmente nos currículos escolares, reforçava nossas ações no último trimestre de 2017.

Já em 2018, viver com a turma essa transição de sair de 04 professores (02 polivalentes, 01 de artes e 01 de educação física) para 09 professores diferentes, pode ter possibilitado um envolvimento maior de confiança que fez com que o trabalho realizado em nossas aulas tivesse maior aceitabilidade por parte dos estudantes. Assim nas primeiras aulas começando conversando com os estudantes sobre o que vivenciamos nas aulas de educação física e apontando as diferenças de propostas nas aulas. Logo, ficou nítida a não realização com os estudantes de atividades com a manifestação da cultura corporal lutas.

Ao iniciarmos o mapeamento das práticas corporais, verificamos lutas que estão vinculadas ao consumo atualmente em evidência nas academias como jiu jitsu, muay thai, boxe e MMA, além da capoeira citada como uma das possibilidades. Ao citar a capoeira questioneei aos estudantes se conheciam alguma outra luta brasileira. Prontamente alguns citaram a luta dos índios. A qual não sabia o nome, mas que segundo alguns estudantes era uma luta que eles lutavam pelados no barro. A partir da minha surpresa pela afirmação dos estudantes coloquei como sugestão estudarmos e entendermos melhor essa luta, o que a partir do meu ponto de vista poderia contribuir com um dos princípios do currículo cultural, da justiça curricular, no que tange a desestabilizar o olhar colonialista sobre o outro.

Assim no encontro seguinte iniciamos com vídeos que apresentavam o huka huka na sua versão masculina e feminina, com praticantes de diversas faixas etárias, onde os estudantes puderam constatar que as lutas não aconteciam no barro, tão pouco com os lutadores e lutadoras peladas. Desenvolvemos assim tentativas para que os estudantes vivenciassem a gestualidade presente nos vídeos. Onde no entendimento apresentados por eles a ideia principal da luta era derrubar o oponente.



Vivenciamos assim durante algumas aulas a gestualidade lida no vídeo pelos estudantes, o que de certa maneira contrariou um pouco uma afirmação de um dos meninos dizendo que as meninas não participariam das atividades, já que lutas não seria uma prática do universo feminino, o que provavelmente acredito ter sido desconstruído ao ver o primeiro vídeo com diversas representações e diferentes indígenas praticando a luta.

Para aprofundar nossos conhecimentos sobre a luta huka huka, entendermos melhor sua gestualidade, regras, entre seus contextos de realização, exibimos um vídeo onde o atleta de MMA Anderson Silva, vai até a tribo Kamayurá no alto Xingu, experimentar a gestualidade e aprender sobre a luta indígena. O que causou certa animação dos estudantes em relação à prática e foi possível entender a partir do vídeo que as regras se mostravam de maneira mais complexa, onde as costas do oponente deveria ser encostada no solo, ou tocar atrás da articulação do joelho o que encerra a luta.

Dando continuidade as nossas vivencias corporais para entendermos e assimilarmos as gestualidades da luta huka huka, dividimos os estudantes em grupos, o que fizemos nas aulas seguintes, cabe aqui o destaque sobre a duração de nossas aulas, uma com duração de 50 minutos e outra com duração de 100 minutos. Assim o que viabilizavam um tempo maior de vivencias nas aulas com maior tempo de duração ampliando as possibilidades de leitura dos estudantes.



Um dos elementos que valeu destaque dos estudantes foi no vídeo a explicação dos lutadores sobre o ritual do Kuarup, onde os guerreiros Kamayurás ficam reclusos em uma das moradias, arranhando-se com uma arranhadeira que serve para fortalecer os lutadores para que no dia mais importante do ritual, no caso do Kuarup, apenas os meninos estejam preparados para lutar com os guerreiros mais velhos e reconhecidos pela comunidade. Com o decorrer das atividades alguns questionamentos foram surgindo em relação a diversos aspectos do ritual e da luta. Por exemplo, o giro antes das lutas, que poderia se entender como um ponto de partida para o início da luta, mas que tentaríamos entender mais a frente.

A partir dessas falas dos estudantes relacionadas as diferentes gestualidades presentes na luta, associadas ao ritual do Kuarup, o qual propositadamente ainda não teria sido ilustrado aos estudantes, iniciamos atividades de ensino que contemplassem reflexões sobre o assunto, longe de definir o termo ou sugerir o que é certo ou errado, assim, sugerimos a partir de uma atividade didática onde os estudantes deveriam pesquisar sobre diferentes rituais que encontramos em diversos espaços na sociedade.

No encontro seguinte os estudantes trouxeram alguns rituais. Satere Maué (colocar a mão numa luva com as formigas tocandiras), dos Algonquinos do Canadá (tomam uma dose de uma substancia que faz com que esqueçam sua infância), do Naghol (os jovens saltam de um tipo de bungee jump), Baile de debutantes (festa de 15

anos), dos Krikatis da aldeia São José (ficam confinados 03 meses para passar da infância para a adolescência), entre outros, todos relacionados ao que chamamos de rituais de passagem.

A partir da apresentação dos estudantes organizamos grupos por proximidades de rituais trazidos pelos estudantes, sendo assim a proposta aos grupos inicialmente foi comparar os rituais de passagem trazidos pelos estudantes, onde inspirados pelo princípio de ancoragem sociais dos conhecimentos e com a possibilidade de ressignificar as produções dos grupos sociais, conseguimos que os estudantes estabelecessem diálogos entre os diferentes rituais produzidos nos diferentes povos e o Kuarup.

Como sequencia das atividades sugerimos aos estudantes que elaborassem um ritual de criação de cada grupo da turma. Como proposta a partir da elaboração do ritual, os estudantes deveriam apresentar justificativas para fazer essa e não outra proposta. Exemplificar as escolhas dos "protagonistas" na apresentação, assim exemplificando além de ilustrar o que pensaram.





Após cerca de cinco encontros, em torno de 07 ou 08 aulas entre organização, elaboração e ensaio, começamos as apresentações onde cada grupo seguindo as orientações propostas, foi possível perceber o interesse nos grupos ao organizar as apresentações foram caracterizadas pela quantidade de materiais sugeridos para elaboração dos "cenários" da apresentação. Possivelmente o fato de estabelecer maiores relações aos momentos de reclusão dos jovens apresentados em diversos rituais.





Cada grupo orientou-se por sua proposta, sendo que alguns trouxeram a ideia de "poções mágicas" que ampliavam a força, determinava a coragem e marcava quem era o guerreiro escolhido para aquele povo, que ficava trancado em algum lugar e sua liberdade trazia o seu reconhecimento com posicionamento importante no “grupo cultural” em que estava inserido. Alguns grupos colocaram nomes nos seus povos e rituais. Tivemos os rituais do Xuripa, do Renascimento, The Cave, Tatamy, Corujas, do Solstício do verão, Birg King, dos meninos e meninas, da pedra gigante Kikiwaka, dos povos/tribos dos Xuripas, FLAPHJ, Camaleão e Kikiwaka. Não era necessário

denominar o ritual, tão pouco o povo (grupo), podemos destacar para além das apresentações e as questões apresentadas pelas turmas relacionadas à participação do estudante A, B ou C, as questões direcionadas a necessidade de uma poção, a faixa etária dos integrantes que estavam reclusos, o que possivelmente aponta para a percepção e o destaque dos estudantes para esses pontos nos rituais que serviram de referencial para elaboração dos seus.





A partir da elaboração dos próprios rituais as opiniões que se seguiram foram:

"São estranhos"

"São coisas de índio"

"Alguns rituais pareciam rituais satânicos"

"Tinha poções do diabo"

Curioso com a afirmação do estudante, decidi questionar opiniões sobre os rituais, principalmente os que tinham as ditas poções do diabo, após a resposta perguntei aos estudantes:

"O ritual não era dos Xuripas? O que o diabo tem a ver com isso?"

"Os rituais satânicos têm poções" disse um estudante.

A partir dessa fala do estudante, pedi que nos apresentasse como era esse ritual satânico, já que desconhecíamos sobre o assunto, porém o estudante ficou envergonhado de aprofundar sobre o assunto, disse que tinha ouvido falar, que não sabia, mas achava que era assim. Aproveitei para questionar os estudantes sobre onde mais encontrávamos tal comportamento. Assim questionei:

"Como entenderam os rituais apresentado pelos colegas?"

Um dos estudantes continuando o debate sobre os "rituais satânicos" disse que nenhum dos rituais que fizemos foi satânico, já que se isso tivesse ocorrido iríamos todos para o inferno. Concluindo seu raciocínio afirmou que quem faz seus rituais satânicos e não cumpre as ordens vai para o inferno. Questionei a turma se os indígenas iriam para o inferno. Como resposta, recebi:

"Quem faz coisas ruins para as pessoas vão pro inferno."

"Mas fizemos alguma coisa ruim, ou alguma maldade em nossos rituais? Vamos para o inferno?" questionei o estudante, para tentar entender seu raciocínio sobre nossas atividades. Recebendo como resposta:

"Não, nossos rituais foram bons."

Sugeri uma comparação do que imaginávamos do Kuarup e sugeri que se tivéssemos um Kamayurá na nossa turma e apresentássemos a ele um baile de debutantes, um dos rituais que já estavam estabelecidos em nossa sociedade: "O que ele imaginaria?" Outra fala que decidimos problematizar ao apresentar o ritual do Kuarup, foi a de um estudante que ao encerrarmos as apresentações reforçou:

"Macumba saravá, solto um peido e sai fubá"

Sugeri que apresentassem se isso era o que tinha ficado para turma dos rituais apresentados por eles. Trouxe no encontro seguinte um texto curto sobre a catequização dos indígenas, onde o excerto apresentava:

“Quando os europeus tomaram conhecimento dos territórios americanos, a Igreja Católica logo chegou a uma conclusão: com a cristianização do Velho Continente, o diabo havia se refugiado no Novo Mundo, e, por isso, era preciso combater Satã, convertendo as almas ingênuas dos indígenas.”<sup>1</sup>

Coloquei em questão para os estudantes se essas ideias apresentadas no período da invasão da América Latina por povos europeus ainda não influenciava alguns de nossos pensamentos, já que alguns dos rituais que trouxemos se apresentavam de maneira naturalizada e os outros, assim como o Kuarup eram apresentados como estranhos, ou exóticos e se isso não tratava de pontos de vista.

Na sequencia das aulas apresentei como atividade didática para problematizar o que seriam os rituais apresentados pelo grupo apresentei um documentário chamado: “Kuarup Kamayurá”<sup>2</sup>, que apresenta todos os dias e as atividades da semana do evento. O que aparentemente possibilitou aos estudantes outras leituras, onde uma das estudantes associou ao dia dos mortos, realizados por alguns povos na América Latina. O fato de enfeitar a aldeia e homenagear os ancestrais segundo a estudante caracterizava as duas manifestações.

Assim assistimos uma competição sobre os jogos indígenas, onde apresentei questões que possibilitavam outro olhar para os jogos. Os jogos se relacionam ao Kuarup? Por que as mulheres estão presentes nesse momento e não estavam no Kuarup? Podemos comparar as competições de lutas nos jogos indígenas com nossa cultura esportiva?

Continuamos nossas atividades com os estudantes sugerindo que poderíamos mudar algumas culturas desde que não ofendesse a cultura do outro. Pediram para organizar uma competição de lutas. O que deixei a critério da turma e que foi

---

<sup>1</sup> Link para o texto [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2015/12/22/interna\\_ciencia\\_saude,511587/colonizacao-historiador-mostra-resistencia-dos-indios-ao-catolicismo.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2015/12/22/interna_ciencia_saude,511587/colonizacao-historiador-mostra-resistencia-dos-indios-ao-catolicismo.shtml)

<sup>2</sup> Link para o documentário da ImaginefilmesRJ <https://www.youtube.com/watch?v=CeHx9eXvavY&t=16s>

desenvolvido de maneira completamente independente pela turma. Preferiram se organizar em grupo de meninos e meninas e realizaram um torneio para cada, como luta final disseram que o vencedor seria o líder da tribo do 6º ano.





### **Algumas considerações**

Ao encerrar as atividades com as turmas, entendo que o debate apresentado nos trouxe reflexões importantes, na condução das atividades foi gratificante ver os estudantes colocar seus posicionamentos pessoais influenciados por diversos vetores, mas que com certeza possibilitaram debates bem produtivos ao perceberem que os posicionamentos podem estar em conflito com alguns valores apresentados pela família ou outros espaços pelos quais eles são influenciados.

Com os grupos de trabalho foi possível colocar em prática os princípios da Escola de Aplicação, diálogo, respeito e solidariedade em ação, bem como alguns princípios norteadores do currículo cultural especialmente no que tange a justiça curricular pela presença de uma luta indígena nas aulas de educação física e a ancoragem social dos conteúdos nos momentos onde os rituais presentes no nosso cotidiano estiveram em contraposição ao ritual do Kuarup, assim como ao analisarmos e realizarmos nossos jogos indígenas, com elementos presentes no cotidiano esportivo, foi possível estabelecer uma análise que não existe uma certeza ou fixidez dos conhecimentos apresentados em nossas aulas.

Nas vivências os estudantes tiveram a possibilidade de conhecer o contexto de realização do huka huka, as gestualidades presentes na luta e a significação dos diferentes povos para os rituais, bem como entendê-los como uma produção dos diferentes grupos culturais, assim com a produção dos próprios rituais ressignificando assim os conhecimentos apresentados, colocando em ação o currículo cultural.